



Quartas
Temáticas

Mobilizar
Resistir
Transformar

Quartas Temáticas discute a Sociedade Patriarcal na #OcupaDemhab

A última edição do Quartas Temática foi especial. No dia 29 de julho, nos deslocamos da CasaNat, sede do Amigos da Terra Brasil, até o Departamento Municipal de Habitação, onde há 13 dias movimentos sociais ocupavam o prédio na luta pelo direito à moradia em Porto Alegre. Durante cerca de duas horas, ocupamos o saguão principal para conversar sobre os poderes e privilégios na sociedade patriarcal que vivemos. Quem suleou o papo foi Célia Alldridge, colaboradora da Secretaria Internacional de Amigos da Terra e militante da Marcha Mundial das Mulheres.

Texto: Douglas Freitas

Diferentemente dos Quartas Temáticas anteriores, em que o convidado puxava o papo, trazendo experiências ou embasamentos teóricos, Célia guiou uma noite colaborativa, em que as vivências de cada participante compuseram a atividade. Para começar, após uma roda de apresentação, Célia propôs que quem quisesse contasse o lado bom e ruim em ser mulher e em ser homem. “Tu vai em uma farmácia, no setor de cosméticos, é desodorante para vagina, não sei mais o que para tirar o odor, como se a mulher fosse suja, fosse fedorenta. E eu não vejo isso para o público masculino”, falou a educadora social, Veridiana Farias. Para ela, a sociedade faz com que as mulheres tenham vergonha dos próprios corpos, faz com que reprimam coisas que são naturais. Carol, do Movimento Nacional da População de Rua, destacou que não conhecer o seu próprio corpo também é uma violência. “Nós mulheres não somos induzidas a conhecer o nosso próprio corpo. E o contrário é verdadeiro, os homens são desde pequenos”. Além de ser uma ferramenta de controle, para Célia, o controle do corpo é uma fonte de alimentação do sistema. “Se faz lucro em cima desses produtos infinitos para as mulheres federem menos, serem mais bonitas, serem mais atraentes”. Scheila Motta, moradora da Vila Dique e militante do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, diz que o ruim de ser mulher são os enfrentamentos diários: “Como uma vez que chegou um cara me oferecendo um quilo de açúcar para transar com ele”. Veridiana relembrou uma experiência de enfrentamento na própria ocupação do Demhab: “A gente vê essas situações na nossa militância também. Tivemos uma situação nesta ocupação que nós, como mulheres, tivemos que nos reunir para não deixar o machismo imperar. Porque sempre a mãe é a culpada, a mãe é a louca... sabe? Quando é que a gente vai começar a desconstruir isso?”

Para Veridiana, as estatísticas de violência refletem as piores nuances

de ser mulher. “É assustador o que ainda morre de mulheres pelo machismo. Porque os homens ainda se sentem donos dos nossos corpos. E quando falo homens eu falo de juiz, de marido, de padre, de pastor, como se a gente não tivesse autonomia pelo nossos próprios corpos. Ainda todo mundo quer mandar no corpo da mulher, no como temos que ser mãe. Aliás, ainda vivemos e uma sociedade que cobra que a mulher seja mãe”. Veridiana, que é militante do Movimento Nacional da População de Rua, comentou sobre as dificuldades que se acumulam, como de ser mulher e ainda estar em situação de rua, sujeita a diversos tipos de violências, inclusive a do Estado. “Quanto elas estão ainda mais vulneráveis nessa questão das relações? Às vezes as mulheres em situação de rua preferem, e nós já fizemos muitas conversas sobre isso, ficar com um homem que oprime, que bate ou que se sente dono, porque elas sozinhas na rua ainda ficam mais submetidas à violência de todas as ordens: violência policial, violência do estado, violência de muitos níveis”.

Thais Marques trouxe uma discussão importante: a divisão história entre espaço privado e público e a dificuldade da mulher de inserir no último: “Historicamente a mulher sempre ficou mais na vida privada, tanto em movimentos sociais como nos empregos”. O ponto levantado

por Thais é, para Célia, o fundamental a ser discutido. “Esse público e privado na verdade faz parte de uma construção social que coloca a mulher em um determinado lugar e o homem em outro lugar. No caso, a mulher no privado, e o homem, no público”. Segunda Célia, a base da desigualdade é em relação ao trabalho. “Nós mulheres ainda temos um papel muito claro que é o papel da maternidade, o papel da cuidadora, da pessoa que é responsável pela educação e pelo cuidado dos filhos, do lar, da comunidade. E isso se transfere para os espaços que a gente transita. Dentro dos nossos movimentos nós acabamos assumindo determinados papéis. Quando a gente traz um conhecimento, uma sabedoria, é colocado como natural. Na verdade, é muito invisibilizado, a gente nem reconhece aquele conhecimento, como se a gente nascesse assim. A diferença do papel assumido pelos homens é que eles já vem com seu conhecimento, sua contribuição valorizada, às vezes monetariamente, às vezes simbolicamente”. A construção de uma sociedade patriarcal leva em consideração esta diferente valorização da mulher e do homem. Célia deu o exemplo do trabalho na cozinha. Na esfera privada, a mulher é responsável pela alimentação. Quando esse função vira pública, normalmente o homem recebe o reconhecimento, vira o chefe. “Uma sociedade machista é uma so-





Foto: Arthur Viana

cidade que não valoriza o que as mulheres fazem. Isso no dia a dia se mostra através da repressão, do preconceito, na violência de uma ameaça constante. A gente acaba autocontrolando nossas próprias vidas a partir deste medo”, conclui Célia. Lúcia Ortiz, do Amigos da Terra Brasil, fez uma comparação com os grandes desastres ambientais para evidenciar como é viver diariamente com medo. “Sempre quando se fala da luta contra as barragens, contra as usinas nucleares, que é um conhecimento militar, muito masculino, as pessoas diziam que os impactos é só se houver um rompimento, um acidente nuclear. Mas e o impacto de viver com esse medo não é considerado? A violência contra a mulher mesmo não chegando às vias de fato, conviver com essa violência já é o que temos que combater”.

Segundo Célia, o controle da sexualidade tem a ver com a garantia, para o sistema, que as mulheres continuem parindo, continuem cuidando dos seus filhos sem receber nada por isso, e que os homens continuem saindo de casa para ir trabalhar. “Explorar o trabalho exige toda uma dedicação invisível por trás para nós, homens e mulheres, podermos ir para o mercado. Não vamos produzir sem comida na barriga, sem roupa no corpo. Sem todo um trabalho de cuidados. E esse trabalho de cuidados poderia ser compartilhado pelas mulheres, pelos homens, pelo Estado. Mas ainda hoje está exclusivamente no colo das mulheres”. É o que também destacou Lúcia: “A que serve que exista essa divisão sexual do trabalho? Porque o sistema se reproduz através da gente ensinando isso? Se a mulher não é a mãe que coloca os corpos para o trabalho e se ela

não dá aquele sustento de cuidar da casa o sistema não se reproduz”. Esta divisão é uma construção social que acontece desde muito cedo, como contou Célia: “Um bebê vem muito neutro, e muito cedo na vida a gente vai moldando, introduzindo elementos e brinquedos e cores e um jeito de falar. Tudo o que fazemos em relação aos bebês, aos meninos, as meninas, aos adolescentes é uma forma da sociedade moldar e socializar para entrar na fase adulta já organizados em relação aos nossos sentimentos, ao que pode, ao que não pode. E isso se reflete no trabalho, no lugar que a gente vai ocupar na sociedade”.

Quem foge desta lógica, seja a comunidade LGBT, seja mães solteiras ou famílias que fogem à fórmula da família nuclear, é alvo da opressão. Para a Célia, essa violência não é entendida de uma pessoa para outra pessoa. “Essa violência é estrutural, é sistêmica. Ela vem a partir de uma sociedade que permite que o homem bata na mulher, que permite a ideia de que a mulher é posse do homem. A violência acontece de uma pessoa para a outra, mas ela vem como um mecanismo de controle da sociedade”. Inclusive para determinar os lugares em que as mulheres podem estar e as funções que devem ocupar. “Quando a gente está na rua, em um determinado horário, e a gente sente aquele medo de estar sozinha, do que poderia acontecer, é a sociedade dizendo que ali não é o nosso lugar. Que nosso lugar não é na rua, não é no espaço público”, diz Célia.

Veridiana destacou a importância de espaços como aquele para as mulheres identificarem juntas os diferentes níveis de opressão que são submetidas, mas também enfatizou a importância de se

criar espaços para desconstrução do masculino. “Existem momentos que falarmos só para nós mesmas é importante. Mas quando é que a gente vai tratar também deste masculino que também é construído? Esse masculino que fala que homem não chora, que homem tem que estar sempre pronto, que não pode falhar, não pode brochar. Quando é que o homem vai falar disso? Tem muitas políticas públicas, ainda frágeis, para tratar do fortalecimento do feminino, das mulheres, mas nós precisamos dar conta deste masculino também. E ainda não adianta ficarmos falando para nós mesmas. Nós temos que ampliar esta discussão.” A educadora social finaliza lembrando quem guia: “por mais que a sociedade reprima, nós temos a nossa loba por dentro que sempre nos diz por qual caminho seguir, né?”

Célia destacou a força das mulheres que, na ocasião, estavam há 13 dias ocupando o Demhab. Ao todo, foram 29 dias de ocupação, em que as mulheres puxaram, na maioria das vezes, o lugar de fala e o lugar de negociação com o Judiciário. “Para estar na ocupação há 13 dias, quantos obstáculos, quantos desafios as companheiras não enfrentaram para estar aqui, com seus filhos ou não? É importante que a gente saia daqui sabendo que a gente juntas conseguimos enfrentá-los, conseguimos criar nossas resistências, conseguimos construir algo diferente”.

O Quartas Temáticas acontece mensalmente na CasaNat. Especialmente em julho, o Quartas foi na #OcupaDemhab em solidariedade aos que lutam pelo direito à moradia.

Confira nossas redes sociais



Realização:



Amigos da Terra BRASIL

FUMPROAMB

Apoio:



Prefeitura de Porto Alegre